

TODA A HISTÓRIA DO MUNDO CABE NESSE SOM: UM OBJETO DE CERÂMICA QUE NARRA E CRIA MEMÓRIAS A PARTIR DOS QUE OS GRIÔS FAZIAM

ALL THE HISTORY OF THE WORLD FITS INTO THIS SOUND: A CERAMIC OBJECT THAT NARRATES AND CREATES MEMORIES INSPIRED BY WHAT THE GRIOTS DID

Williana da Silva Maciel¹
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

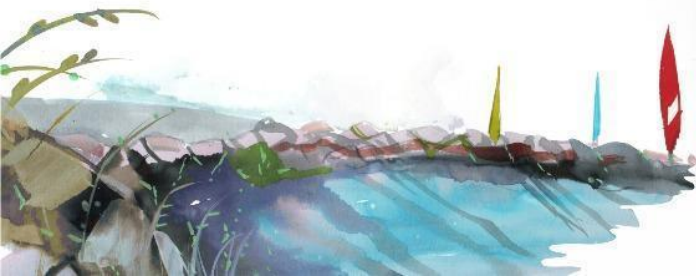
Este trabalho visa investigar os processos de criação do objeto de cerâmica intitulado "Toda a história do mundo cabe nesse som", desenvolvido na disciplina "Contar histórias e caminhar com ancestrais - A cerâmica e suas contribuições para o pensamento decolonial na arte". O objeto foi elaborado com uma abordagem poética, que reflete sobre as relações entre memória, griôs, terra e as dinâmicas do jogo do telefone sem fio. A pesquisa se insere no contexto dos processos de mediação cultural da exposição "Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô" no Sesc Pompeia 2024. Através desta investigação, buscou-se explorar como a cerâmica pode atuar como um veículo de transmissão de saberes ancestrais e de experiências coletivas, promovendo uma reflexão crítica sobre o território, a identidade por meio da mediação no espaço expositivo.

Palavras-Chave: Cerâmica. Memória. Griôs. Mediação cultural.

ABSTRACT

This work aims to investigate the creative processes behind the ceramic object entitled "All the history of the world fits into this sound," developed in the course "Telling Stories and Walking with Ancestors – Ceramics and Its Contributions to Decolonial Thought in Art." The piece was created through a poetic approach that reflects on the relationships between memory, griots, earth, and the dynamics of the telephone game. The research is situated within the context of

¹ Doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", (UNESP), Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia, (UFBA), Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri, (URCA). E-mail: williaanasilva@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6739-9342> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7166212465031060>, Juazeiro do Norte (CE), Brasil.



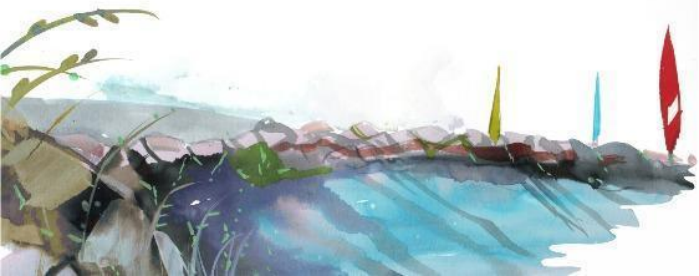
the cultural mediation processes of the exhibition “Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô,” held at Sesc Pompeia in 2024. Through this investigation, the aim was to explore how ceramics can function as a vehicle for transmitting ancestral knowledge and collective experiences, fostering critical reflection on territory and identity through mediation in the exhibition space.

KEYWORDS: *Ceramics. Memory. Griots. Cultural mediation.*

COMO BRINCAR COM AS NOSSAS MEMÓRIAS: SE EU NARRO AQUI VOCÊ ESCUTA DAÍ?

Em um mundo que frequentemente ignoramos as vozes do passado, ouvir não é a priori uma condição de apreender. A cerâmica e o barro emergem aqui como uma materialidade poderosa que carrega consigo saberes e memórias. Este artigo investiga o processo criativo por trás do objeto “Toda a história do mundo cabe nesse som” desenvolvido dentro da disciplina “Contar histórias e caminhar com ancestrais - A cerâmica e suas contribuições para o pensamento decolonial na arte” do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP e que posteriormente se desloca para ser um objeto mediador dentro da exposição “Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô” na qual trabalhei durante o segundo semestre de 2024.

A produção de cerâmica ou de objetos em argila e/ou barro surge no mundo em diversas culturas, dos mitos e simbologias da origem do mundo, além de peças utilitárias e objetos artísticos. Essas características revelam a tecnologia ancestral em argila, que não só expressa a habilidade técnica de diferentes povos, mas também suas crenças, rituais e modos de vida. A cerâmica é, portanto, um testemunho da intersecção entre arte, espiritualidade, memória e funcionalidade, carregando significados profundos que atravessam identidades e cartografias afetivas. O objeto “Toda a história do mundo cabe nesse som” atravessa as práticas de mediação cultural dentro do espaço das oficinas do Sesc Pompeia e começa a criar vida quando encontra os espectadores dentro do espaço expositivo. Os diálogos são muitos e a

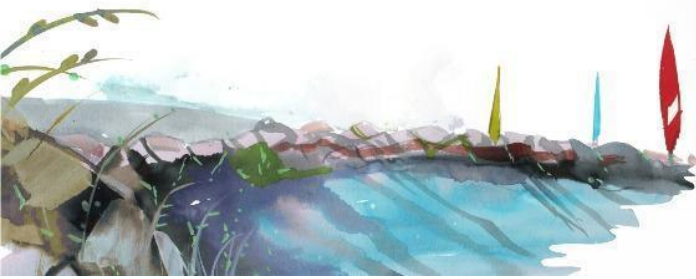


escuta é narrada de maneira a criar um trancelim entre os fruidores, as obras da Gabriella Marinho, a imaginação e memória de quem cria histórias. Cada interação se torna uma oportunidade de brincar com as memórias coletivas, onde o espectador não é apenas um observador, mas um participante ativo na construção do significado. Por entre histórias e genealogias é possível “escutar a argila” e compreender sua contribuição milenar para a humanidade. Como reflete Renata Felinto (2024, p. 6) curadora da Exposição da Gabriella Marinho:

Por entre causos, crônicas e histórias, é passível de se escutar a argila. Das participações nas quais foi protagonista na elaboração das cosmogêneses de muitas civilizações, cedendo a sua malemolência a elaboração de uma multiplicidade de formas; adquirindo perenidade na confluência com o seu parceiro, o Fogo; e fornecendo a humanidade meios de permanência e desenvolvimento, entre muitos outros feitos que podemos descobrir.

Com isso, percebemos a importância da cerâmica e da argila como um meio que, ao longo do tempo, moldou a história e os imaginários coletivos de diversas civilizações. Ao estimular a troca de vivências dentro do espaço expositivo, busco enquanto arte-educadora provocar uma reflexão sobre como nossas experiências e histórias pessoais se entrelaçam e se distinguem das narrativas dos outros. Como observa Françoise Julien-Casanova (2009, p.110) “O exercício do ofício do mediador cultural demanda que ele seja um tipo de “inquiridor” que trabalha sobre objetos a ele destinados para se converter em “discursos para outros”, à destinação do público”. Essa ideia enfatiza a importância do arte-educador em criar um espaço de troca cultural, algo que buscamos alcançar nas visitas à exposição. A cerâmica entra nesse emaranhado conectando tempos, gerações, espaços e culturas.

Assim, pensamos que ao narrar e ouvir, criamos um espaço de imaginação coletiva, onde podemos brincar com as memórias do outro e resgatar a ancestralidade a partir da terra. Esses aspectos são corroborados por Gandhi Piorski (2016, p.20), que destaca a conexão profunda entre a terra e nossas memórias ancestrais “Para a criança, o elemento terra abre a dimensão sacral das grandes imagens do útero, do oculto, da solidão e da morte como eternidade”, trazendo à prática o profundo vínculo entre o barro e as nossas memórias primárias e ancestrais.



O objeto de argila é criado a partir da discussão suscitada dentro da disciplina "Contar histórias e caminhar com ancestrais" ministrada pela professora Priscila Leonel. Nessa proposta, cada aluno foi incentivado a trazer um objeto embalado que carrega uma memória afetiva. A partir disso, outra pessoa escolhe um objeto disposto na mesa e o toca de olhos fechados, imaginando o que pode ser. Essa dinâmica ocorre coletivamente, permitindo a narração dos objetos escolhidos e a exposição afetiva por parte de quem trouxe o objeto, explicando sua história e significado.

Foi a partir desse exercício que pensei no encontro com o outro e resolvi construir um objeto que fizesse sentido, que honrasse todas as histórias contadas. Ao compartilhar e ouvir as narrativas por trás do barro, criamos um ambiente de empatia e compreensão, onde cada relato se torna uma peça essencial do mosaico humano.

Ao refletir sobre a construção de um cilindro, lembrei rapidamente da brincadeira de infância do telefone sem fio, que simboliza como as histórias podem ser imaginadas, distorcidas e reinterpretadas ao longo do tempo. Assim como os griôs transmitem relatos de forma oral, cada toque e cada fala no objeto se torna uma forma de narrar e recontar experiências, fazendo ecoar as vozes do passado e do presente. Nesse sentido, a palavra "griot", originária do francês é evocada juntamente com a criação do objeto, como também da proposta da visita à exposição, o griô é a inspiração de pensar a tradição de contar histórias e manter vivas as memórias coletivas. Segundo Igor Souza (2014, p.97) "A palavra originalmente é Griot, ou Griotte para as mulheres, e tem origem francófona, sendo Griô seu abasileiramento, servindo a ambos os gêneros."

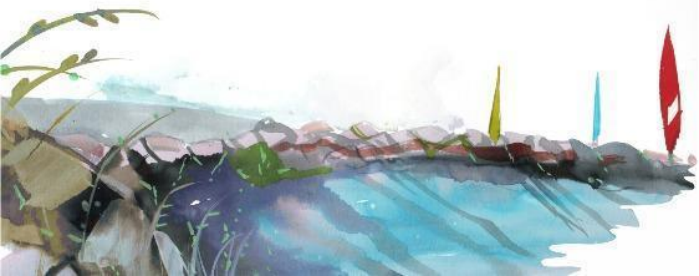
A exposição da artista Gabriella Marinho, com a proposta de argila-griô, intensifica essa conexão, pois a argila, assim como as narrativas orais, é um meio de preservação e disseminação de conhecimento. Ela carrega em si a capacidade de contar histórias, refletindo as vivências e tradições de diversas culturas ao longo do tempo. Cada peça de argila é como um griô semente, a materialidade evoca memórias e experiências, conectando passado e presente em um diálogo contínuo.



1- "Toda a história do mundo cabe nesse som", objeto de cerâmica, 2024. Fonte: acervo pessoal.

O cilindro foi construído, e, com ele, senti a necessidade de desenhar linhas e círculos, ressaltando as dimensões do tempo, da ancestralidade e da memória. O barro possui seu próprio tempo, um tempo que se expande e contrai, como descreve Leda Maria Martins ao falar de um tempo "ontologicamente experimentado em movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro" (2021, p. 63). Inspirada por essa visão, inscrevi as palavras "memória," "griô," "avó" e "avô", refletindo sobre como nossos ancestrais também contam histórias, como os griôs.

Com base nesse conceito, comecei a desenvolver um roteiro de visita e prática para usarmos o objeto em formato de cilindro no espaço de mediação da exposição "Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô." O acolhimento da ação foi planejado para criar uma roda de apresentação, na qual as pessoas envolvidas diriam seus nomes, locais de origem e compartilhassem uma memória sobre o território de cada um.



Após isso, eu perguntava o que havia de barro nas casas das pessoas. Logo, surgiam memórias afetivas relacionadas a objetos como filtro de barro, copos, pratos, xícaras, jarros, jarras, vasos e esculturas. As memórias sobre o território evocavam situações vividas na casa dos avós e dos pais, lembranças de viagens, recordações de quintais, sítios, campos de futebol e bairros.



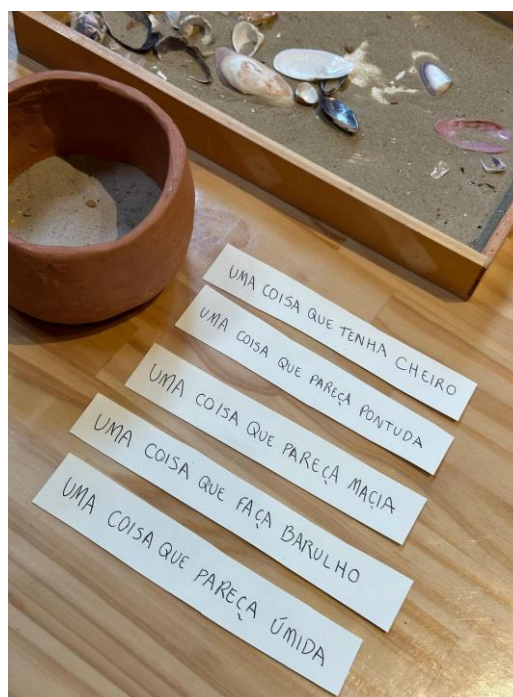
2-“Toda a história do mundo cabe nesse som”,objeto de cerâmica, 2024. Fonte: acervo pessoal.

Esses objetos despertavam momentos especiais, como as brincadeiras com a terra, a textura e as cores dos itens. Também surgiam lembranças curiosas, como o ato de comer terra quando estava grávida. Cada objeto que tinha em casa contava uma história, refletindo ambientes e experiências vividas.

Em seguida, convidava o grupo para um jogo dinâmico e envolvente que consistia em formar duplas ou trios. Cada grupo era incentivado a explorar a criatividade e a interação, pegando um papel que estava dentro de um pote de barro, onde havia uma frase escrita. As frases variam e eram cuidadosamente escolhidas para instigar a



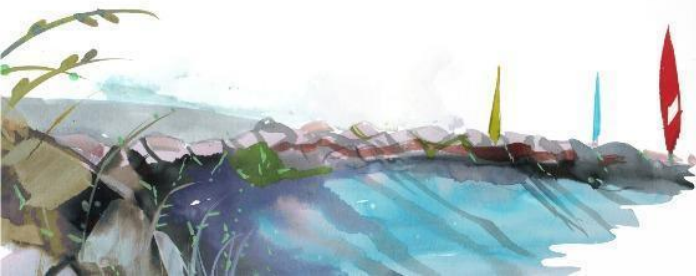
imaginação: uma coisa que seja pontuda, uma coisa que faça barulho, uma coisa que tenha cheiro, uma coisa que seja macia, uma coisa que pareça úmida.



3- Registro da dinâmica, 2024. Fonte: acervo pessoal.

Após essa atividade inicial, o grupo se unia para visitar toda a exposição coletivamente. Enquanto caminhávamos olhando as obras, cada participante mantinha em mente a frase que havia escolhido, observando atentamente as peças em exibição e buscando conexões entre elas e suas palavras. A intenção era que, ao olhar para cada obra, eles pudessem visualizar e sentir como as características descritas poderiam se manifestar ali.

Depois de explorar a exposição, cada dupla ou trio se dirigia até a obra que mais chamasse sua atenção. Ali, eles paravam em frente para criar uma narrativa única que desse vida àquela peça. Essa atividade não apenas estimulava a criatividade, mas trazia uma fruição necessária entre a obra de arte e o espectador. A partir das discussões de ideias, o espectador começa também a ser criador, compartilhando interpretações que decidiam em conjunto como a obra os tocava. Por fim, após



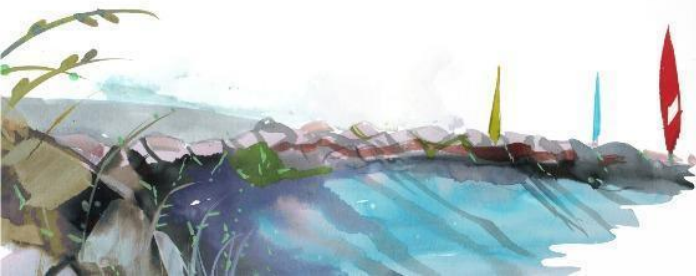
elaborarem a história, cada grupo apresentava sua criação para os demais, explicando a conexão que encontraram entre a obra e a frase escolhida, além de compartilhar o nome que haviam dado.

Os visitantes ao narrar as histórias são colocados no lugar de contadores de histórias, no lugar do artista criador, assim como os griôs que conectam o passado ao presente, emaranhando o tempo, sendo verdadeiros guardiões de histórias. O valor da oralidade nos faz pensar em uma escuta atenta, em palavras móveis que são capazes de criar coreografias únicas dentro do espaço de mediação cultural. Se eu falo daqui, você escuta daí atravessa de muitas maneiras o objeto de cilindro, em forma de sopro, hálito e performance coletiva conforme Leda Maria Martins (2003) aborda em seu texto "Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória"

Como sopro, hálito, dicção e acontecimento performático, a palavra proferida e cantada grafa-se na performance do corpo, portal de sabedoria. Como índice de conhecimento, a palavra não se petrifica em um depósito ou arquivo estático, mas é, essencialmente, kinesis, movimento dinâmico, e carece de uma escuta atenciosa, pois nos remete a toda uma poises da memória performática dos cânticos sagrados e das falas cantadas no contexto dos rituais. (p.67)

Os fruidores/visitantes que estão observando as histórias serem contadas realizam um movimento performático também, ao interagir com a palavra proferida. As pessoas começam a fazer associações entre a obra de arte e a história. A leitura da obra de arte acontece nesse momento, onde o visitante encontra um objeto e se vê diante de uma memória, de uma forma, de uma declínio, de uma materialização de um pensamento.

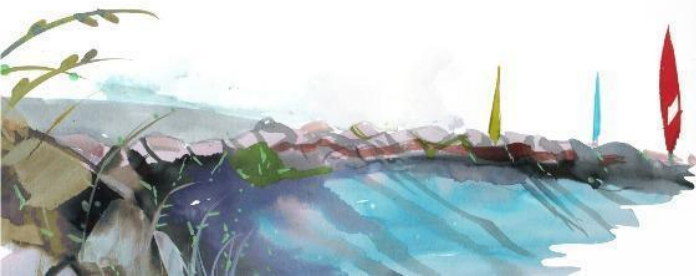
Eu convido os visitantes ao terminarmos a visita fazendo uma roda no chão da exposição, e convido-os a escutar o objeto em formato de cilindro, ao colocarem no ouvido eles escutam muitos sons, como som de água, vento, mar, muitos relatam que a experiência sonora é igual a da concha do mar. Essa experiência, que muitos descrevem como similar à escuta de uma concha, revela o potencial do barro não só como material tátil e visual, mas também como um meio de transmissão sonora,



carregando as memórias de sua própria formação e dos elementos naturais que compõem seu corpo.

A argila carrega consigo um registro de uma sonoridade ancestral, ao tocar nessa massa macia não tem uma pessoa que não navegue em memórias. Neste contexto, a Priscila Leonel (2021, p. 2017) observa que “Quando recebemos a argila, vamos preparar, sovar, amassar. Nesse engenho do manusear, vamos pensando na forma que a massa vai assumir. Começa se comunicando com a terra, vai se revelando para ela, respeitando seu tempo, seus processos.” Assim, nessa ação educativa o ato de escutar e se comunicar com o cilindro transforma-se em um ritual, um ato performativo onde o visitante conecta-se a camadas invisíveis do seu território, da sua história pessoal, ressignificando a relação com suas memórias e com o espaço expositivo. Esse diálogo entre o som e o visitante cria uma experiência que é, simultaneamente, individual e coletiva, onde as associações sonoras ativam memórias e sentimentos pessoais, mas também remetem a uma memória coletiva, ao som compartilhado da natureza que ecoa na concha, no cilindro e, simbolicamente, no barro.

Após a escuta do objeto de cilindro ter passado pelo tato e escuta de todos, convido todos os visitantes que estão na roda a resgatar uma brincadeira de infância: o telefone sem fio. A ação acontece semelhante ao jogo que brincávamos quando crianças, mas aqui as pessoas não contam uma mesma história. Como nos diz Leda Maria Martins, “o movimento do corpo-voz, do corpo-chão, do corpo-mastro, ocupa o espaço em círculos desdobrados, figurando a noção excêntrica e espiralar das temporalidades simultâneas” (Martins, 2003, p. 90). O jogo de palavras não é embaralhado, mas ecoado a partir da visão de cada um. As pessoas são convidadas a falarem no cilindro o que veem e/ou sentem de seu território. Entende-se que a “A territorialidade humana é formada por muitos caminhos, que produzem uma diversidade de territórios socioculturais. Assim, é de extremo potencial entender a relação que os grupos sociais mantêm com seu espaço.” (Priscila Leonel, 2017, p.105).



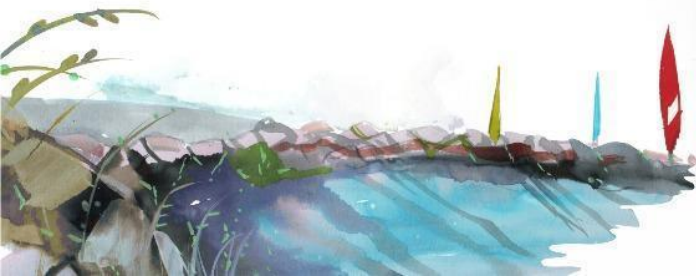
Nesse contexto, o cilindro torna-se, nessa ação, um receptáculo de histórias fragmentadas e singulares, onde cada visitante deposita, em palavras, sua própria visão e sentimento sobre o espaço que habita, sua identidade, suas lembranças e sua ancestralidade.



4- 'Vivência com o cilindro, objeto de cerâmica, 2024. Fonte: acervo pessoal.

Nesse resgate do telefone sem fio, a obra transcende o espaço expositivo e assume uma dimensão coletiva de troca e transformação. Cada participante, ao ouvir a mensagem e passá-la adiante, torna-se parte de uma rede sensível de escuta e interpretação, onde o som captado do cilindro e as memórias evocadas por ele se mesclam com as subjetividades e vivências de cada um. Como reflete Gandhi Piorski (2016, p.20) "Imaginar pela terra é fazer coisinhas enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, buracos, miniaturas, esconderijos, numa busca pela estrutura da natureza". Esse processo de transmissão remete nesse jogo, a mensagem original inevitavelmente que se transforma: palavras são alteradas, silêncios se intercalam, sentidos se perdem ou se enriquecem, criando uma versão sempre única da experiência inicial.

Ao invés de distorções e modificações próprias do telefone sem fio tradicional, o que emerge aqui é uma colcha de retalhos sonora e poética, tecida pelas percepções de



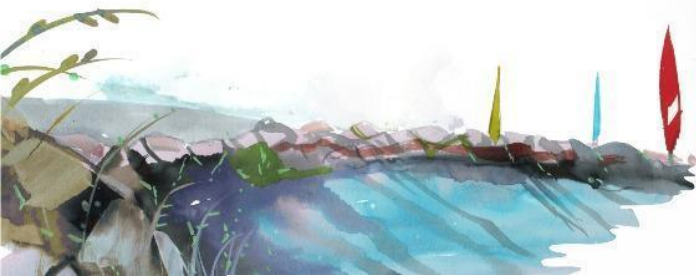
cada pessoa. As vozes, uma a uma, compõem um panorama de sentimentos e visões que, ainda que diferentes, encontram harmonia e eco no território comum da roda. Essa ação ativa não só a escuta, mas também uma escuta afetiva, onde os outros participantes recebem fragmentos da vida e das emoções de cada um, criando um espaço de compartilhamento íntimo e respeitoso. Explico a importância de saber falar e escutar, assim como os griôs faziam, e levanto a reflexão de como cada respiração diz sobre um mundo diferente.

Cada som, cada palavra, carrega as cores, texturas, terras, ventos e paisagens de territórios diversos, construindo um mosaico de cartografias emocionais que se entrelaçam com o som do cilindro. Ao ouvir o que cada participante sente e vê do seu território, o grupo passa a compor uma paisagem afetiva, onde memórias individuais se conectam em uma narrativa coletiva que celebra a diversidade e a subjetividade de cada experiência. Não escutamos o que todos veem e sentem, mas sentimos em silêncio a memória do território de cada um. Após a dinâmica do telefone sem fio a visita é encerrada, deixando um mosaico imaginário sobre território dentro do espaço expositivo.

Considerações Finais

Neste trabalho, exploramos a criação do objeto de cerâmica intitulado "Toda a história do mundo cabe nesse som", destacando sua função como mediador cultural nas práticas de narração e escuta. A pesquisa enfatizou a importância da cerâmica não apenas como um produto artístico, mas como um veículo de memória que conecta o passado e o presente, estabelecendo um diálogo entre as experiências individuais e coletivas.

Através da análise das dinâmicas de mediação cultural na exposição "Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô", foi possível observar como a argila funcionou como um objeto de reflexão. Os participantes se envolveram em dinâmicas que possibilitaram a criação e o desenvolvimento de histórias, entrelaçando assim com o



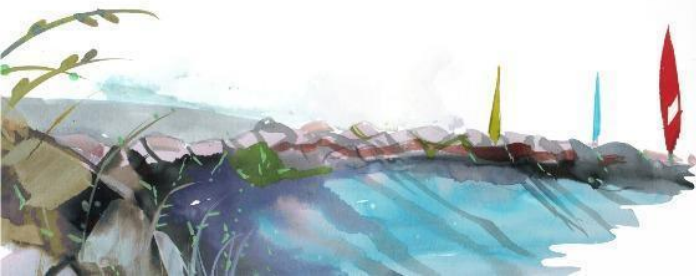
conceito de "argila-griô". Essa interação gerou um ambiente propício para a construção de saberes ancestrais, ressaltando a importância dos griôs e da oralidade na preservação de identidades culturais e na construção do território.

Além disso, a proposta de utilizar a cerâmica como um meio de transmissão de experiências e afetos ressaltou a necessidade de uma abordagem decolonial nas práticas artísticas. Ao promover a escuta ativa e o compartilhamento de memórias sobre o que as pessoas veem ou sentem do seu território, contribuimos para a valorização das narrativas que muitas vezes ficam à margem dos discursos hegemônicos, como também um convite para olhar para o território de uma outra maneira, a fim de pensar cartografias afetivas que são valiosas.

Além disso, a proposta de utilizar a cerâmica como meio de transmissão de experiências e afetos destacou a necessidade de uma abordagem coletiva, sensorial nas práticas artísticas e nos espaços de mediação cultural. Ao promover a escuta ativa e o compartilhamento de memórias sobre as percepções e sentimentos em relação ao território, contribuimos para a valorização de narrativas frequentemente marginalizadas nos discursos hegemônicos. Essa prática também convida os participantes a olhar para o seu território de uma nova maneira, estimulando reflexões sobre cartografias afetivas que são valiosas.

Por fim, penso que o espaço de criação dentro da mediação é infinito, principalmente quando pensamos na argila, no barro e na cerâmica enquanto elemento mediador de conhecimento. Sentimos que ao narrarmos e ouvirmos, continuamos a tecer um rico tecido de experiências coletivas, essencial para lembrarmos de onde viemos e para onde estamos indo. O espaço de imaginar se torna fundamental quando pensamos caminhos para criar narrativas de vida, desenhar histórias, configurar em mapas afetivos transformando-se em um mundo mosaico de memórias.

Referências



CASANOVA, Françoise. Comentários sobre mediação cultural. A prática de um modo-modelo e suas atualizações: as intervenções de tipo conversacional em presença direta. In: BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane (org.) Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FELINTO, Renata. Escutar a argila: respeitar a mais velha. In: SESC, Serviço Social do Comércio. Catálogo da exposição "Ofício: barro: Gabriella Marinho: argila-griô: Pompeia". São Paulo: Sesc, 2024.

LEONEL, Priscila. 1987- Um encontro com a mediação cultural: 40 Museus em 40 semanas / Priscila de Medeiros Pereira Leonel. - São Paulo, 2017. 233 f. : il Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/70326955-cd8a-44f6-b15c-5c85f3d9ec10/content> Acesso em: 19 out 2024.

LEONEL, Priscila. Museu dos afetos: uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade / Priscila Leonel de Medeiros Pereira. - São Paulo, 2021. 361 f. : il. color. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

Martins, L. (2003). PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. Letras, (26), 63–81. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511881> Acesso em: 18 out 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo no Espiralar - Poéticas do Corpo Tela. Belo Horizonte: Editora Cobogó, 2021.

PIORSKI, Gandhi. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Editora Peirópolis, 2016.

SOUZA, Igor Alexander. Na confluência da roda: Educação Patrimonial, Diversidade Cultural e a Pedagogia Griô / Igor Alexander Nascimento de Souza – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível em: https://observacult.org/wp-content/uploads/2017/10/Dissertacao_Igor_A_Nascimento_de_Souza.pdf Acesso em: 20 out 2024.